Não Consigo Me Despedir de Você

Cada despedida adia a pergunta sobre um futuro a dois



Laura Bellini

Não Consigo Me Despedir de Você

Cada despedida adia a pergunta sobre um futuro a dois

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384906156

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 5
Capítulo 1 - Condições que Não Estavam nos Planos 13
Capítulo 2 - Entre o Projeto e a Confiança 24
Capítulo 3 - O Que Não Se Vê à Primeira Vista 36
Capítulo 4 - As Coisas Que Não Entram no Contrato..... 47
Capítulo 5 - O Direito de Ter o Próprio Tempo.....61
Capítulo 6 - Um Momento Que Não Pode Ser Projetado 70
Capítulo 7 - Depois do Beijo, Nada É Mais Completamente Normal..... 82
Capítulo 8 - Além das Molduras 91
Capítulo 9 - Um Risco Que Não Podia Mais Ser Adiado.....104
Capítulo 10 - Não Apenas por um Instante..... 115
Capítulo 11 - Uma Manhã Sem Entrelinhas 124
Capítulo 12 - Um Compromisso Que Não Estava na Nossa Agenda 134
Capítulo 13 - Não a Qualquer Custo: Não Vou Abrir Mão do Que Construí.....148
Capítulo 14 - O Que Cada Um de Nós Pode Perder 158
Capítulo 15 - Um Endereço Temporário 169
Capítulo 16 - O Limite Que Não Pode Ser Ultrapassado..... 181
Capítulo 17 - A Vida Que Eu Não Queria Adiar 191
Capítulo 18 - O Primeiro Passo em Direção a um Lar.....201
Capítulo 19 - Um Retorno Que Exige uma Decisão.....212

Capítulo 20 - Um Amanhã a Dois 222

INTRO

Naquela noite, Toruń tinha cheiro de calçamento molhado, café recém-passado e papel que, durante anos, havia guardado histórias de outras pessoas. Eu gostava de noites assim. A cidade desacelerava depois de um dia inteiro, as luzes se refletiam nas vitrines e as pessoas que tinham vindo à exposição passavam horas diante dos cartazes, como se cada um deles pudesse contar algo além da história do evento para o qual um dia havia convidado o público.

Eu estava perto da entrada da galeria, com uma taça de vinho branco na mão e um caderno escondido debaixo do braço. Tinha quarenta e um anos e já sabia que algumas coisas precisavam ser planejadas por nós mesmos, se quiséssemos ter certeza de que algum dia realmente aconteceriam. Ter minha própria galeria era uma delas. Não a havia herdado, não a recebera de presente e não devia sua existência a nenhum homem que acreditasse saber melhor do que eu como deveria conduzir minha vida. Construí aquele espaço aos poucos, às vezes com uma determinação que os outros chamavam de exagero, mas que, para mim, era simplesmente uma necessidade.

Naquela noite, queria comemorar algo além do sucesso da exposição. No dia seguinte, deveria confirmar as condições de um novo contrato de aluguel. Se tudo saísse conforme o planejado, a galeria ganharia espaço para uma exposição permanente e um pequeno arquivo dedicado aos cartazes poloneses. Pela primeira vez em muito tempo, eu não precisaria me perguntar se estaria no mesmo lugar dali a um ano. Não teria de começar tudo novamente, procurar

outro imóvel ou explicar ao proprietário do edifício por que obras em papel exigiam condições adequadas de iluminação e umidade.

Eu tinha um plano. Concreto, sensato e meu.

— Salomea, você deveria ver como as pessoas estão parando diante desta série — disse Marta, minha colaboradora, aproximando-se com uma bandeja vazia. — Algumas ficam vários minutos observando.

Olhei na direção da parede onde estavam expostos os cartazes da década de setenta. Suas cores haviam desbotado um pouco, mas as composições ainda carregavam uma ousadia que faltava a muitos projetos contemporâneos.

— Isso é bom. Não os trouxemos até aqui para que alguém passasse por eles em três segundos.

Marta sorriu.

— Eu sabia que você diria isso.

— Porque é verdade.

Passei o dedo pela borda do caderno. Dentro dele, havia uma lista de coisas que precisava resolver antes de fechar a galeria: verificar os sistemas de segurança, receber algumas fotografias do fotógrafo, confirmar o horário da reunião sobre o contrato no dia seguinte e enviar uma mensagem à gráfica. Às nove da noite, queria estar em casa. Não pretendia ficar até tarde mais uma vez só porque alguém achava que a dona de uma galeria deveria supervisionar pessoalmente cada taça de vinho e cada conversa.

Foi exatamente naquele momento que o vi na porta.

Não reconheci seu rosto imediatamente. Primeiro, percebi a maneira como estava parado, como se não quisesse

atrapalhar ninguém que passasse, embora também não tivesse a intenção de recuar. Usava um casaco escuro, a gola da camisa estava aberta e seus movimentos tinham a mesma tranquilidade que eu lembrava de tantos anos atrás. Só quando ergueu a cabeça compreendi quem havia chegado.

Bolesław Kłos.

Por um breve instante, a galeria se transformou em um lugar de outro tempo. As conversas, a música e o tilintar discreto das taças desapareceram. Restou apenas o homem que eu não via havia tanto tempo que já tinha me acostumado com sua ausência. Eu não o havia esquecido. Não era a mesma coisa.

Ele tinha quarenta e seis anos. Os cabelos nas têmporas estavam ligeiramente grisalhos, o rosto havia adquirido traços mais marcantes, mas seu olhar continuava familiar. Sempre olhava como se estivesse escutando antes mesmo de alguém começar a falar. Havia naquela maneira de observar uma atenção que, no passado, me fazia contar coisas que eu não compartilhava com mais ninguém.

Agora, eu não tinha certeza se ainda conseguiria fazer isso.

Ele me percebeu. Não acenou, não abriu um sorriso largo, nem veio imediatamente em minha direção. Simplesmente manteve os olhos em meu rosto e depois fez um pequeno movimento com a cabeça. Aquele gesto discreto era muito mais perigoso do que deveria ser. Não continha promessa alguma e, ainda assim, trouxe de volta a lembrança de todas as conversas que, naquela época, pareciam importantes demais para terminar.

Coloquei a taça sobre uma mesinha próxima.

— Você não me disse que conhecia Bolesław — comentou Marta, que havia acompanhado meu olhar.

— Conheço — respondi.

— Então deve ser alguém importante.

— Já foi.

Não queria que minha resposta soasse tão fria. Também não queria que soasse diferente.

Bolesław começou a caminhar em minha direção. No caminho, parou diante de um dos cartazes. Inclinou a cabeça, examinou a assinatura do autor e depois deu um passo para trás, a fim de observar a composição inteira. Continuava fazendo a mesma coisa. Primeiro o detalhe, depois o conjunto. Era designer de livros e conseguia passar horas discutindo proporções de margens, tipos de letras e por que o espaço em branco de uma página às vezes era mais importante do que o próprio texto impresso. Eu costumava provocá-lo, dizendo que enxergava o mundo como uma página dupla de livro.

Ele respondia que eu o enxergava como um cartaz, ou seja, tudo de uma vez.

— Salomea — disse quando finalmente chegou diante de mim.

Meu nome soou comum em sua voz. E foi justamente por isso que achei tão difícil responder.

— Bolesław.

Por um momento, nenhum de nós disse nada. De perto, percebi as pequenas rugas ao redor de seus olhos e os sinais de cansaço que ele não tentava esconder. Não parecia alguém que tivesse aparecido ali por acaso.

Segurava uma pasta fina na mão direita e havia uma gota de chuva na manga do casaco.

— Bela exposição — disse ele.

— Obrigada. Passei vários meses preparando tudo.

— Eu sei.

Aquelas duas palavras me detiveram mais do que uma pergunta teria feito. Como ele sabia? Estava acompanhando as notícias sobre a galeria? Alguém havia contado a ele? Ou simplesmente tinha visto o anúncio na internet, como centenas de outras pessoas?

— Não esperava encontrar você aqui — admiti.

— Eu também não tinha certeza se viria.

— É uma maneira bastante peculiar de tomar decisões.

Um dos cantos de sua boca se ergueu ligeiramente.

— Você sempre achou que eu deveria tomar mais decisões.

— E você sempre achou que não precisava tomar nenhuma enquanto ainda pudesse deixar uma porta aberta.

O sorriso desapareceu, mas ele não desviou o olhar.

— Você não mudou tanto assim.

— Mudei o suficiente para não gostar desse tipo de comentário.

— Vou levar isso em consideração.

Não havia ironia em sua voz. Havia algo que eu poderia interpretar como cautela. Por um instante, tive vontade de perguntar por que ele realmente tinha vindo, mas me contive. Não queria lhe dar vantagem só porque, em outra época, ele me conhecera melhor do que a maioria das pessoas.

— Está de passagem pela cidade? — perguntei.

Ele olhou para a pasta.

— Desta vez, tenho um motivo concreto.

— Entendo.

Eu não entendia. E não pretendia fingir que era diferente.

Marta apareceu ao nosso lado com duas taças. Entregou uma a Bolesław e me lançou um olhar que prometia uma conversa mais tarde.

— Não estou atrapalhando? — perguntou ele.

— Esta é a minha galeria. Se estivesse atrapalhando, você seria o primeiro a saber.

Ele soltou uma risada baixa. Eu também me lembrava daquele som. Não porque fosse extraordinário, mas porque costumava surgir justamente nos momentos em que eu tentava ser mais severa do que realmente me sentia.

— Nesse caso, vou ficar um pouco — disse ele.

— A exposição ficará aberta por mais duas horas.

— Não estava perguntando sobre a exposição.

Olhei para ele com mais atenção. Seu rosto já não tinha a despreocupação de antigamente, mas ele ainda sabia deixar uma frase inacabada de um jeito que fazia a outra pessoa querer completar o restante por conta própria.

— Bolesław, se tem alguma coisa para me dizer, pode dizer agora.

Por um instante, ele passou o polegar pela borda da pasta.

— Gostaria de conversar com você sobre um projeto. Um álbum.

— Um álbum?

— Um daqueles que vale a pena fazer direito. Não apenas reunir imagens e acrescentar legendas.

Senti que minha noite acabava de tomar outro rumo. Ainda não sabia se se tratava de uma proposta profissional ou de uma tentativa de encontrar uma desculpa para nos encontrarmos novamente. Não queria adivinhar. Já havia confundido as intenções dos outros com minhas próprias esperanças vezes suficientes na vida.

— Amanhã tenho uma reunião importante — disse. — E algumas decisões que não podem esperar.

— Não pretendo pedir uma resposta hoje.

— Ótimo.

— Mas gostaria que pelo menos escutasse o que tenho a propor.

Olhei para a pasta dele e depois para as pessoas que observavam a exposição. Tudo ao meu redor continuava funcionando conforme o planejado. Os visitantes conversavam, Marta cuidava do serviço e a iluminação sobre os cartazes revelava as tonalidades do papel que eu havia escolhido com tanto cuidado. Minha vida não tinha parado quando Bolesław apareceu. Eu não pretendia permitir que isso acontecesse.

Ainda assim, não lhe pedi que fosse embora.

— Amanhã à tarde — decidi. — Uma hora. Uma conversa sobre o álbum. Sem surpresas.

— Está bem.

— E não interprete isso como uma promessa de colaboração.

— Não vou interpretar.

Ele estendeu a mão. Apertei-a, embora naquele breve instante tenha percebido o quanto ainda me lembrava de um homem que, na verdade, eu já quase não conhecia em sua versão presente. Sua mão estava quente, o aperto era tranquilo, sem a familiaridade de antigamente. Ele não tentou segurar minha mão por mais tempo nem prolongar aquele gesto.

— Foi bom ver você, Salomea.

— Para mim também.

Ele se virou em direção à saída, e eu voltei a conversar com um dos visitantes. Consegui responder a duas perguntas sobre a origem de um cartaz e recomendar o catálogo da exposição antes de perceber que continuava olhando para a porta.

Eu não sabia se sua aparição era o começo de algo que ainda não conseguia nomear ou apenas mais um encontro com um passado que já não tinha o direito de decidir minhas escolhas. Sabia, porém, que no dia seguinte, às três da tarde, me sentaria diante dele e ouviria sua proposta sobre o álbum.

Eu tinha meus próprios planos, meu próprio espaço e uma vida que havia aprendido a organizar sem esperar por ninguém.

Só não conseguia responder a uma única pergunta: por que, quando Bolesław voltou a aparecer em meu mundo, era tão difícil aceitar que sua presença poderia ser apenas passageira?

Capítulo 1 - Condições que Não Estavam nos Planos

No dia seguinte, às três da tarde, eu já estava sentada em meu escritório, com duas xícaras de café sobre a mesa e os documentos referentes ao novo contrato de aluguel organizados em uma pilha perfeitamente alinhada. A reunião da manhã havia corrido bem. Consegui negociar as condições que mais me interessavam, embora a assinatura definitiva ainda dependesse da análise de algumas cláusulas pelo advogado. Pela primeira vez em meses, eu podia olhar para o futuro da galeria sem precisar calcular quanto tempo ainda restava até o término do contrato atual. Aquela perspectiva deveria ter sido suficiente para melhorar meu humor pelo resto do dia.

No entanto, a cada poucos minutos, eu olhava para o relógio.

Não porque estivesse esperando Bolesław. Pelo menos era isso que dizia a mim mesma. Queria apenas resolver a questão do álbum, conhecer os detalhes da proposta e voltar às minhas obrigações. A conversa da noite anterior não me comprometia com absolutamente nada. Uma hora, nenhuma surpresa, nenhuma promessa. Eram regras suficientemente claras para não deixar espaço a interpretações desnecessárias.

Às três e três, a campainha da entrada tocou.

Bolesław apareceu à porta do escritório com uma pasta debaixo do braço e uma pequena embalagem de papel na mão.

— Trouxe alguma coisa para acompanhar o café — disse ele.

— Não combinamos nenhum lanche.

— Nesse caso, considere uma tentativa de suborno.

— Já vou avisando que sou cara.

— Eu me lembro.

Ele colocou a embalagem sobre a mesinha. Dentro havia dois pequenos bolos de uma confeitaria local, a mesma onde costumávamos passar depois das longas horas dedicadas aos projetos. Não perguntei se ele havia procurado aquele lugar de propósito porque se lembrava dele ou se simplesmente o encontrara pelo caminho. Não queria começar nosso encontro com uma conversa sobre lembranças.

Indiquei a poltrona diante da minha mesa.

— Temos uma hora.

— Será suficiente, desde que não conversemos sobre o tempo.

— Não era minha intenção.

Ele se sentou, tirou algumas folhas da pasta e as colocou diante de mim. A primeira apresentava uma composição de páginas de um livro. Não era um catálogo de exposição, tampouco um álbum convencional de reproduções. O projeto tinha uma concepção bastante definida: fotografias grandes dos cartazes, fragmentos de tipografia, textos curtos sobre os autores e os contextos em que as obras haviam sido criadas. Nas páginas seguintes, encontrei uma proposta de divisão em seções e um modelo provisório de capa.

Por alguns instantes, esqueci que estava diante de um homem com quem, ainda na noite anterior, havia trocado apenas algumas gentilezas cautelosas.

— Isso é seu? — perguntei.

— Meu. Por enquanto, é apenas uma versão inicial.

Passei o dedo por uma das composições. Ele havia utilizado bastante espaço em branco, mas não deixara os cartazes isolados. Cada obra tinha espaço suficiente para se destacar, enquanto os textos não pareciam elementos acrescentados às pressas por um editor no último minuto.

— Está bom — admiti.

— Esperava uma crítica mais elaborada.

— Não confunda meu silêncio com ausência de observações. Primeiro quero entender exatamente o que você está propondo.

— Um álbum sobre o cartaz polonês, mas contado por meio das pessoas e dos lugares que o preservaram. Não uma enciclopédia, nem uma seleção dos nomes mais importantes. Quero mostrar como os cartazes existiam fora dos estúdios dos designers. Como chegavam às ruas, aos cinemas, aos teatros, às casas e, mais tarde, às coleções particulares.

Olhei para a página seguinte. Havia uma fotografia de um fragmento de um antigo cartaz teatral, cuja paleta de cores eu conhecia muito bem.

— De onde você tirou isso?

— Do seu site. É uma fotografia de uma exposição de dois anos atrás.

— Você não tem autorização para utilizar essa obra.

— Eu sei. Por isso ela aparece apenas na maquete.

Ergui os olhos.

— Ainda bem que pelo menos isso você sabe.

— Não vim aqui para levar seus cartazes.

— Todo mundo diz isso até começarmos a conversar sobre os direitos de reprodução.

Ele sorriu, mas não tentou aliviar a tensão com uma piada.

— É justamente por isso que gostaria de trabalhar com você, em vez de simplesmente utilizar sua coleção. Você conhece as pessoas que preservam essas peças há décadas. Sabe quais histórias são verdadeiras e quais cresceram até se transformar em lendas com o passar dos anos. Consegue distinguir um cartaz que merece ser apresentado de outro que só parece interessante porque alguém o incluiu em um catálogo.

— E você consegue transformar tudo isso em um livro?

— Isso, posso provar.

Não respondi imediatamente. Virei mais algumas páginas. Era evidente que ele havia se preparado com cuidado. Não se limitara a escolher alguns exemplos bonitos. Tinha uma divisão temática preliminar, sugestões de formatos para as reproduções e até espaço reservado para pequenas entrevistas com colecionadores. Percebi, entretanto, que a maioria dos nomes e das fontes ainda estava em branco.

— Você tem uma ideia, mas não tem o material.

— Tenho parte do material. Ainda não tenho uma parceira que me ajude a decidir o que realmente deve fazer parte dele.

— Ou seja, quer que eu faça metade do seu trabalho.

— Quero que façamos isso juntos.

— Isso soa muito melhor durante uma conversa do que em um contrato.

Ele apoiou os antebraços sobre os joelhos.

— Podemos passar diretamente para o contrato.

Aquilo me surpreendeu. Esperava uma história sobre uma visão artística que serviria para justificar uma divisão pouco clara de responsabilidades. Em vez disso, Bolesław tirou outra folha da pasta. Nela havia uma proposta de distribuição das funções. Ele ficaria responsável pelo projeto gráfico, pela diagramação e pela edição visual. Eu cuidaria da seleção das obras, das descrições, do contato com os proprietários e da verificação das informações. Em um item separado, havia uma indicação de autoria conjunta da concepção do projeto, em condições de igualdade.

— Por que em condições de igualdade? — perguntei.

— Porque, sem você, seria outro livro.

— Poderia existir um livro sem a minha participação.

— Poderia. Mas não seria o livro que quero fazer.

Ele disse aquilo com tranquilidade. Sem elogios exagerados, sem tentar me agradar. Foi justamente aquela simplicidade que tornou mais difícil ignorar suas palavras.

Coloquei a folha de lado.

— Há mais uma questão. Não quero que o álbum se transforme em propaganda da galeria.

— Não estou propondo um catálogo sobre o seu negócio.

— Também não quero que você utilize meus contatos e depois assine tudo apenas com seu nome.

— Foi por isso que incluí a autoria conjunta da concepção.

— Provisoriamente.

— Claro. Vamos definir os detalhes.

Aproximei-me da janela. Do escritório, conseguia ver uma parte da sala de exposição e as pessoas que continuavam chegando para conhecer a mostra. Na parede oposta estava pendurado um cartaz cuja reprodução eu acabara de ver na maquete dele. Lembrei-me de quanto tempo havia levado para convencer o proprietário daquela peça a emprestá-la. Não pretendia arriscar a confiança dos colecionadores por causa de um projeto cujas regras ainda não estavam definidas.

— Como surgiu a ideia desse álbum? — perguntei. — Por que agora?

Bolesław ficou alguns instantes observando suas anotações.

— Recebi uma proposta para desenvolver uma concepção editorial. Uma pequena editora está procurando um projeto dedicado ao cartaz polonês. Eles não querem outra publicação baseada nos mesmos nomes e nas mesmas reproduções. Estão interessados em algo mais pessoal, mas que continue sendo bem documentado. Tenho três semanas para apresentar uma proposta completa.

— E depois?

— Se aprovarem, passamos à produção. Recebemos um orçamento para as reproduções, a edição e a preparação dos materiais.

— Recebemos?

— Se você aceitar participar do projeto.

Observei-o atentamente.

— Você não conversou comigo antes e já me incluiu na sua proposta?

— Não coloquei seu nome como coautora sem sua autorização. Reservei espaço para a sua contribuição e indiquei que o projeto exige uma parceria de curadoria.

— Então ainda não prometeu nada em meu nome?

— Não.

— Ótimo. Não gosto quando alguém decide por mim.

— Isso, pelo menos, você nunca gostou.

Havia uma nota de familiaridade antiga em sua voz. Não neguei. Ele se lembrava de mim como uma mulher capaz de interromper uma conversa quando alguém tentava assumir o controle da situação. Talvez eu ainda fosse assim. A única diferença era que agora não precisava provar a ninguém que conseguia cuidar dos meus próprios assuntos.

Voltei à mesa e me sentei.

— Tenho meus próprios planos para os próximos meses. A galeria vai crescer, tenho um contrato para finalizar e estou preparando outra exposição. Não posso subordinar tudo ao seu projeto.

— Não espero isso.

— Preciso de um cronograma. Prazos, responsabilidades e regras claras para o contato com os proprietários das obras. Não vou telefonar para as pessoas e explicar que o designer resolveu mudar a concepção mais uma vez.

Bolesław assentiu.

— Entendo.

— Não sei se entende. Preciso de alguém que esteja presente no trabalho. Não apenas quando tiver vontade de vir a Toruń.

Por um momento, ele ficou em silêncio. Depois fechou a pasta, mas não a afastou de si.

— Não quero prometer algo que talvez não consiga cumprir.

— É uma atitude sensata.

— Trabalho em vários lugares. Tenho clientes em diferentes cidades e prazos que, às vezes, mudam. Nem sempre estarei aqui.

— Podemos trabalhar remotamente.

— Podemos. Mas não quero fingir que terei horários fixos na sua galeria.

Compreendi que havíamos acabado de tocar em algo mais importante do que a organização do trabalho. Ele não disse que não queria colaborar. Também não tentou me convencer de que tudo poderia ser resolvido de alguma maneira. Falava de sua vida como se a mobilidade fosse um fato que não estava aberto a negociações.

— Não preciso que você fique aqui todos os dias — respondi. — Preciso saber quando posso contar com você.

— Isso posso definir.

— E cumprir os prazos.

— Sim.

— Mesmo quando estiver em outra cidade?

— Principalmente quando estiver em outra cidade.

Olhei para ele com uma leve incredulidade.

— Você sempre foi bom em fazer promessas.

— E você sempre foi boa em verificar se elas correspondem à realidade.

— Essa é uma qualidade que pretendo conservar.

Dessa vez, ele sorriu mais abertamente.

Durante o restante do encontro, passamos a conversar sobre questões concretas. Combinamos que nenhum material seria utilizado sem autorização por escrito e que cada obra teria sua procedência e seu estado de conservação verificados. Sugeri que o álbum não fosse uma retrospectiva cronológica da produção artística, mas uma história sobre como os cartazes chegavam às pessoas e por que alguns deles sobreviviam em coleções particulares. Bolesław gostou imediatamente da ideia e a anotou na margem da maquete.

Percebi que ele não me interrompia enquanto eu falava. Não tentava corrigir minhas palavras nem inserir suas próprias ideias no meio das minhas frases. Escutava e depois respondia de maneira objetiva. Quando observei que uma das reproduções estava cortada demais, perguntou imediatamente se seria possível conseguir uma fotografia do original completo.

Aquela era uma das características que eu costumava admirar nele. Sabia receber uma observação alheia não como um ataque à própria competência, mas como uma oportunidade de fazer algo melhor.

Às quatro e cinco, afastei os documentos.

— Por hoje, chega.

— Ainda temos cinco minutos.

— É justamente por isso que estou dizendo que chega. Não pretendo aproveitar cada minuto só porque reservei esse tempo.

Ele se levantou e começou a recolher as folhas. No entanto, parou diante de uma das composições.

— Gostaria que você ficasse com esta.

— Para quê?

— Para poder avaliar o projeto com calma. Não precisa me dar uma resposta hoje.

— Eu sei.

Ele me entregou as folhas. Nossos dedos nem sequer se tocaram. Apesar disso, durante um breve instante, tive consciência de como era pouco necessário para que uma conversa comum sobre trabalho começasse a parecer algo muito menos seguro.

— Amanhã entro em contato com uma proposta de cronograma — disse ele.

— Eu lhe enviarei uma lista das condições referentes aos materiais e aos direitos de reprodução.

— Combinado.

Acompanhei-o até a porta do escritório. Na sala principal, Marta conversava com dois visitantes. Bolesław ainda parou diante de um dos cartazes.

— Este é excelente — comentou.

— Eu sei. Por isso está no lugar de destaque.

— Você continua não permitindo que convençam você a mudar de ideia.

— Se alguém tiver um bom argumento, eu permito.

— E se tiver apenas um sorriso bonito?

— Nesse caso, terá de se esforçar mais.

Ele soltou uma risada baixa.

— Vou me esforçar para apresentar bons argumentos.

Quando saiu, fiquei alguns instantes perto da porta, observando a rua. Não tentei detê-lo. Não havia motivo para isso. Tínhamos um projeto para discutir e, depois, decidiríamos se valia a pena participar dele.

Voltei ao escritório e examinei novamente sua maquete. Em uma das páginas, encontrei uma pequena anotação manuscrita: "Nem tudo o que sobreviveu foi salvo por acaso".

Li a frase duas vezes.

Não sabia se ele a havia escrito pensando nos cartazes ou em alguma outra coisa. Não pretendia perguntar.

Sabia, porém, que, pela primeira vez em muito tempo, alguém me havia proposto um projeto que não exigia que eu abandonasse meus próprios planos e que, ao mesmo tempo, era interessante o bastante para me fazer pensar seriamente a respeito.

Ainda faltava descobrir se Bolesław era capaz de trabalhar com alguém que não pretendia adaptar a vida inteira ao calendário dele.

Capítulo 2 - Entre o Projeto e a Confiança

Na manhã seguinte, cheguei à galeria mais cedo do que de costume. Queria preparar os materiais para Bolesław antes da chegada do primeiro visitante e verificar se sua proposta ainda me parecia tão interessante à luz do dia. Na noite anterior, havia lido a maquete mais uma vez, marcado alguns trechos e preparado uma lista de perguntas. Não encontrara nenhum motivo para rejeitar o projeto, mas isso ainda não significava que eu tivesse concordado em trabalhar com ele.

Sobre a mesa dos fundos, organizei três cartazes que poderiam servir como ponto de partida para o álbum. Cada um representava uma maneira diferente de pensar a relação entre imagem e texto. O primeiro pertencia à coleção da galeria, o segundo havia sido confiado a mim por um proprietário particular e o terceiro estava havia anos no arquivo de uma família amiga de um dos teatros de Toruń. Nem todos tinham a documentação completa. Era justamente por isso que eu não queria que alguém os fotografasse sem antes verificar suas histórias.

Bolesław deveria chegar às dez. Às nove e cinquenta e sete, recebi uma mensagem.

"Estou em frente à galeria. Não quero entrar antes que você termine os preparativos. Avise quando eu puder."

Li a mensagem com uma leve surpresa. A maioria das pessoas que me procuravam por questões profissionais considerava o horário combinado como um direito de entrar